

Sinais, os Sobrenomes da Criação

Ariane Vasques¹

RESUMO: O presente artigo pretende descrever as relações que são tramadas entre humanos e animais em um município do sertão de Pernambuco e evidenciam não só um modo peculiar de criação animal, mas um modo de se fazer e manter família. É comum que se criem cabras e bodes *na solta* nessa região. Este criatório exige uma série de técnicas e procedimentos para que seja realizado com eficácia, dentre eles, os *sinais*, que são recortes feitos a faca nas orelhas da *criação* (como são chamados cabras e bodes) para indicar a que pessoa e a que família pertence um animal. Desse modo, por meio dos *sinais* é possível compreender as relações entre um modo de criação e uma noção específica de família.

PALAVRAS-CHAVE: Caprinos; Sertão pernambucano; Família; Relações humano-animal.



Figura 1 – *Sinais* na orelha direita: *canzil* e *forquilha* (Foto de Ariane Vasques).

Este artigo pretende, por meio da descrição etnográfica de uma técnica característica de um modo de criação de caprinos *na solta* – os *sinais* – e de uma perspectiva que privilegie as relações entre humanos e animais, demonstrar como a família e os animais podem ser percebidos numa localidade do sertão de Pernambuco².

Em Floresta, município localizado no sertão de Itaparica³, é comum que nas zonas rurais se criem cabras e bodes *na solta*. Nesse modo de criação, característico também de outras regiões do nordeste brasileiro⁴, os animais são criados livres de cercas ou de qualquer controle alimentar, reprodutivo e sanitário. Não obstante a aparente simplicidade deste criatório, a *solta* exige uma série de técnicas e procedimentos específicos, alguns executados diariamente no *laboro*⁵, para que seja

¹ Doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (PPGAS/UFSCar). Pesquisadora do Laboratório de Etnologias Transespecíficas (LETS) e membro do Grupo de Estudos Humanimalia – Antropologia das Relações Humano-Animais. E-mail: ariane.zambrini@gmail.com.

² Os termos em itálico são termos nativos e as aspas duplas são utilizadas para a reprodução de falas ou expressões, assim como em citações de outros autores, essas últimas são seguidas por suas referências.

³ O município de Floresta está localizado a aproximadamente 432 km de Recife, na microrregião do Sertão de Itaparica e mesorregião do São Francisco Pernambucano. Insere-se nos domínios geográficos da macrobacia do rio São Francisco e na bacia hidrográfica do Rio Pojeú. Há em Floresta cerca de 32.152 habitantes.

⁴ Em regiões áridas, típicas também em outros estados da região Nordeste do país, é comum que se criem os animais soltos e que marquem suas orelhas com sinais. A utilização deste sistema de marcação de propriedade foi registrado graficamente por historiadores regionais como Barroso (1962: 159) e Castro (1984: 101), ambos para o estado do Ceará e por Medrado (2012: 97) para a Bahia. Outros autores, antropólogos, também tratam de marcações nos animais como indicativo de pertencas. (cf. Humphrey, 1974; Fijn, 2011; Leal, 2014; Santos, 2014).

⁵ O *laboro* se constitui de todas as práticas, técnicas e procedimentos envolvidos na criação de cabras e bodes *na solta*. São as atividades cotidianas do criador ou criadora na lida com os animais, circunstância que permite ao criador ou criadora estabelecer laços com os animais.

eficaz. Os *sinais*, recortes feitos a faca nas orelhas da *criação*⁶, são uma dessas técnicas e indicam a que pessoa um determinado animal pertence e qual a família desse proprietário. Isso posto, o objetivo deste artigo é descrever como, por meio dos corpos da *criação* e das relações entre humanos e animais, há uma forma de atualização das relações familiares conforme são tecidas naquela região. Essa descrição não prescinde de deslindar o que se entende por *família*, já que lá família não é um dado *a priori* (cf. Marques, 2002; Villela, 2004).

Os *sinais*, além de comporem uma técnica fundamental nesse modo de criação que torna evidente um modo singular de lidar com os animais, evidencia um modo de existência dos criadores e de suas famílias na medida em que os recortes nas orelhas identificam os proprietários dos animais, sua filiação ascendente e descendente, a *casa*, a *ribeira* de que provêm, as segmentações familiares decorrentes de matrimônio e as mudanças de residências. Por outras palavras, essa sinalética torna visível o modo como a *família* é entendida naquela região ou, mais que isso, os *sinais* atualizam as relações familiares porque marcam no corpo dos animais um registro genealógico, mantendo e produzindo assim os laços de parentesco, possibilitando o reconhecimento entre vizinhos e seus rebanhos, mostrando, nos animais, quem é parente e quem não é.

Os *sinais* são uma técnica conveniente nesse criatório não apenas porque distinguem a *criação* enquanto propriedade de diferentes pessoas e famílias, evitando que os animais sejam confundidos, trocados ou perdidos, já que são criados soltos e quase sempre se misturam entre os rebanhos. Quer dizer, não é apenas por uma questão utilitária que os *sinais* precisam ser inscritos nos corpos dos animais, mas porque fazem parte de um modo de existência, indicam, produzem e significam relações entre humanos e animais como elas se dão naquela região.

A família e os *sinais*

O *Sinal* ou a *assinatura* de uma pessoa é a combinação original de *sinais*, das figuras que são recortadas nas orelhas da *criação*; somente esta pessoa tem determinada combinação em um território delimitado. A forma que é recortada é uma figura que pertence a um conjunto extenso, porém finito, de modelos. Dentre as figuras nomeadas que eu pude conhecer durante a minha pesquisa de campo, destaco: *ponta de lança*, *buraco de bala*, *brinco*, *canzil*, *mossa*, *forquilha*, *boca de lagarta*, *garfo*, *coice de porta*, *bico de candieiro*, *cruzinha*, *ponta troncha*, *dente*, *quadro*. A *assinatura* que uma pessoa carrega é constituída por um nome composto imediatamente relacionado às figuras que a compõem. Isso porque ela é formada por uma disposição específica de *sinais* divididos entre a *diferença* e o *mourão* que podem, por sua vez, ser um *sinal* apenas ou uma combinação de *sinais*. A *diferença* indica que o animal é propriedade de uma pessoa e o *mourão* que essa pessoa faz parte de uma *família*. Por exemplo, uma *assinatura* pode ser descrita assim: em uma orelha o *mourão* é composto pelos *sinais* de *cruzinha* e *coice de porta*, que indica a *família* a que pertence o proprietário; e a *diferença* é um *buraco de bala*, especificando o dono em particular de um animal.

As *assinaturas* visam atender a um objetivo específico que é a identificação de um bem móvel. O *Sinal*, visto dessa forma, é um signo de propriedade. Inscrevê-lo no animal no momento mesmo em que se transmite a propriedade, em vida, a um descendente, é um modo de fixar a relação entre o herdeiro e o animal herdado, já que se indica aí a relação de parentesco que é atualizada. O animal, que carrega o registro familiar por meio da *assinatura*, é singularizado pela escrita, torna-se

⁶ De um modo geral, no sertão nordestino, o gado caprino e ovino é chamado de *criação* ou *miunça*, assim como o gado bovino é chamado de *gado* e o equino e o muar é chamado de *animal*. Historiadores regionais já assinalavam essa linguagem para diferentes estados da região Nordeste (cf. Barroso, 1962; Cascudo, 1955, 1972; Albuquerque, 1989; Andrade, 1964; Menezes, 1937). Os termos também aparecem em outras etnografias referentes ao sertão nordestino (Heredia, 1979; Pietrafesa de Godoi, 1999; Villela, 2004). Em relação aos termos *criação*, *cabra* e *bode*, eles são empregados por mim indistintamente para fazer referência aos caprinos, exceto para situações em que se faz relevante a diferença entre fêmea/macho.

propriedade, mas, ao mesmo tempo, remete a uma pluralidade inerente aos *sinais* por revelar a *família*, *ribeira* e *casa* a qual esse proprietário faz parte.

Como se pode notar, o *senal* é muita coisa simultaneamente. Ele é um recorte, uma marca feita na carne do animal pelo criador, uma figura ou uma combinação delas, um registro, uma técnica, um signo de propriedade e de pertença familiar. Mas o *senal* é também um laço entre o conhecimento e a percepção do criador produzido cotidianamente com o *laboro*, em sua lida diária que exige que ele reconheça os seus animais na caatinga e os diferencie dos animais de seus vizinhos, parentes ou não, por meio dos *sinais*. Os *sinais*, veremos adiante, são o nexos entre humanos criadores e seus animais.

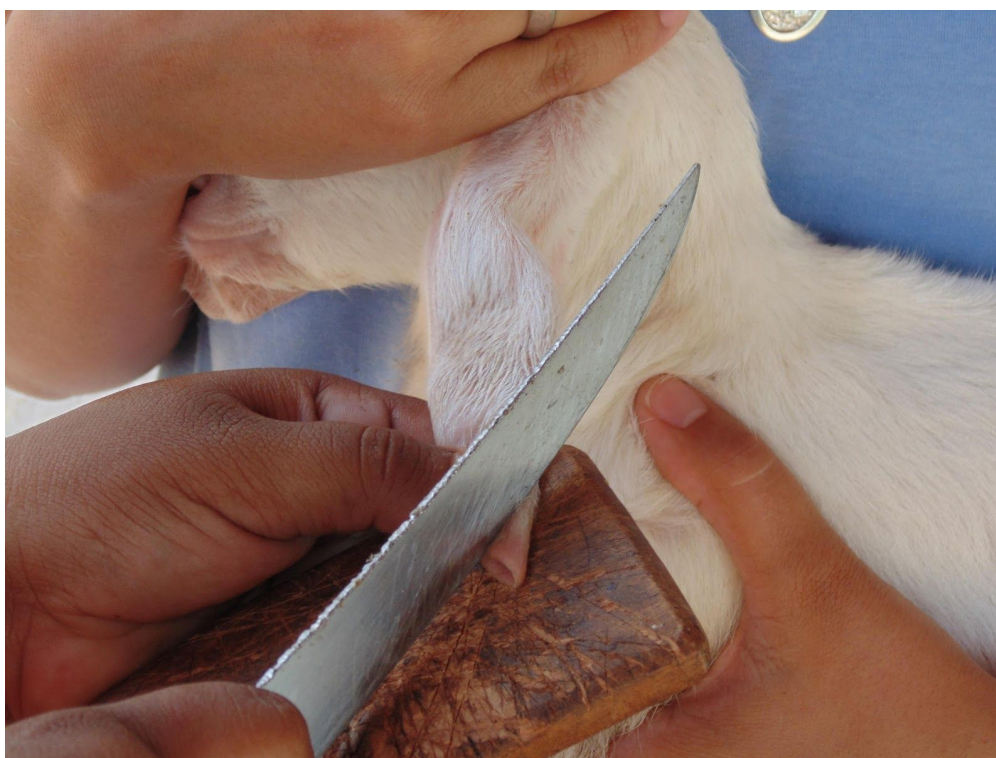


Figura 2 – *Senal* feito a faca em um cabrito (Foto de Arianne Vasques)

Se o modo como a família é entendida no sertão de Itaparica é assinalado nas orelhas da *criação*, afinal, como a família é entendida nessa região? E como é possível compreender e visualizar a concepção de família a partir dos *sinais* registrados nos animais?

A noção de família no sertão pernambucano, segundo Marques (2002)⁷, se aplica a um “conjunto de escalas diversas: tanto pode dizer respeito aos habitantes da mesma casa, quanto a todos os descendentes de um ancestral posicionado a um número não definido *a priori* de gerações passadas” (Marques, 2002: 105). Por meio das *assinaturas* é possível identificar essas duas escalas em que a noção de família pode ser compreendida.

O *mourão* é signo proveniente de uma fazenda, ou seja, é uma combinação de *sinais* que foi criada certamente por um homem pertencente a uma *família* e a uma *ribeira*. Este *mourão* é transmitido para as gerações descendentes desse criador de bodes, que o carregam para suas *casas*, se estas são constituídas na mesma *ribeira* desse primeiro ancestral. Assim, o *mourão* sinaliza a pertença a uma *família* e a um território. A *diferença*, que varia individualmente e assinala a singularização da propriedade, também permite visualizar pertenças familiares. Para demarcar essa variação de propriedade individual são utilizadas apenas duas ou três figuras pertencentes a um conjunto extenso e manejadas em diferentes posições para formar uma *assinatura*, como vimos acima. O conjunto de figuras utilizadas nos *sinais* das pessoas de uma *casa* é, geralmente, limitado por essa escolha de apenas algumas figuras para comporem as assinaturas da *família*. Essa

⁷ Embora não seja o caso de aprofundar a noção de família segundo essa escala, considerando os objetivos desse artigo de relacionar uma noção de família à utilização de uma sinalética na criação de bodes, vale destacar que, de acordo com Marques (2002), as famílias no sertão do Pajeú também podem ser entendidas como redes de sociabilidade (cf. Marques, 2002: 125).

característica é que torna possível identificar a pertença de um indivíduo a uma *casa*, de ver nos *sinais* a *família* nessa escala.

Mais especificamente, segundo Villela, (2007: 110) “*família*, no vale, é um termo polissêmico”. Ela configura três sentidos distintos, mas correlativos:

pode significar extensas árvores genealógicas, ou seja, todo o conjunto dos descendentes de um casal de colonizadores provenientes de Portugal, chegados há 300 anos ao Sertão. Isso identifica *família* ao sobrenome, de forma que ser da mesma família implica partilhar o mesmo sobrenome. Pode também significar uma *linhagem*, ou seja, um segmento desta extensa cadeia. Isso quer dizer que são da mesma *família* todas as pessoas que descendem de um mesmo casal a um número determinado de gerações, independentemente de possuir o mesmo sobrenome. Em geral, a profundidade da linhagem é determinada pela existência de um ancestral comum que desfrutou, mesmo que apenas no interior do próprio grupo, de algum prestígio, cuja história pessoal tenha possibilitado transformá-lo num personagem da memória familiar. Mas *família* pode, ainda, referir-se à casa, quer dizer, ao grupo doméstico, geralmente composto do casal, seus filhos e frequentemente os pais de um dos cônjuges. (Villela, 2007: 110-111).

A constituição dos *sinais* e sua composição com a noção de família se referem, sobretudo, ao segundo e ao terceiro sentidos dessa noção⁸, à *linhagem* e à *casa*. Durante minha pesquisa de campo não tive conhecimento de uma sinalética que remontasse às árvores genealógicas extensas ou a ancestrais tão distantes. Isto porque a sinalética dos bodes é totalmente pragmática, ao contrário das genealogias escritas, que pretendem recobrir toda a escala do parentesco. Dentre as *famílias* de criadores que conheci, o *mourão* poderia ser encontrado entre as últimas cinco gerações, isto é, um dos criadores podia, por reminiscência, remeter a origem do *mourão* de sua família ao seu bisavô, tataravô de seus filhos que ainda carregam o mesmo *mourão*. Por certo que a origem de um *mourão* poderia ser remetida a um ponto muito mais distante no tempo; entretanto, os que conheci durante a curta duração de minha pesquisa de mestrado referem-se a um período menor.

Embora seja possível determinar a polissemia da noção de família no sertão de Pernambuco, ainda segundo Marques (2002) e Villela (2004), a família não é um *a priori*. A família não é algo dado antecipadamente, ela é fabricada cotidianamente pelos habitantes daquela região. No que concerne aos animais e a criação *na solta*, é por meio do *laboro*, da atividade diária com a *criação*, que a “virtualidade familiar” é atualizada nos *sinais*, assim como o é, por exemplo, na participação na política (Villela, 2009: 200) e nas *intrigas e questões* (Marques, 2002).

O que pude perceber, no que se refere às distintas variações dos *sinais*, é que a alocação das *assinaturas*, a disposição das figuras entre a *diferença* e o *mourão*, ou a orelha em que são recortados, nada disso obedece a uma regra fixa. Ao contrário, elas respeitam a contingência da criação *na solta*. As variações são circunstanciais e algumas vezes estão de acordo com a escolha casual do criador. Os recortes podem variar em quantidade e posição de acordo com o número de herdeiros de uma *família* (no sentido de *casa*) e a necessidade de se inventar estratégias de diferenciação. Podem indicar, ainda, em alguns casos particulares, quem é o cuidador de determinada *criação* e, nesse caso, informa a natureza da relação que é estabelecida entre o criador ou cuidador e o rebanho com o qual labora. Um exemplo a respeito desse caso, que permite diferenciar um criador de um cuidador, pode ser encontrado no caso de um criador deixar o seu rebanho sob os cuidados de um vaqueiro. A relação estabelecida aí é, geralmente, de trabalho e também é marcada nos corpos dos animais por meio das *assinaturas*. Enquanto o criador, proprietário de seu rebanho, assinava o *mourão* na orelha direita e a *diferença* na esquerda, seu vaqueiro assinava a *criação* de que cuidava invertendo os *sinais* nas orelhas, ou seja, assinava o

⁸ Villela (2004), a respeito da adesão e pertencimento de microgrupos de base familiar nas *intrigas* e nas *questões* dessa mesma região, indica mais uma especificidade da noção de família, um “sentido minimalista de *família*, como o núcleo familiar de interesse mais restrito e mais intenso do que as solidariedades com os níveis mais amplos do parentesco, dependentes de relações rizomáticas que cortam, recortam e colam trechos da genealogia.” (Villela, 2004: 118-119).

mourão do proprietário na orelha esquerda e a *diferença* na direita. Essa mudança permitia distinguir quem laborava com quais animais, sob os cuidados de quem eles estavam. Quer dizer, o *mourão* e a *diferença* sempre indicarão, respectivamente, a *família*, a fazenda e o dono individual daquela *criação*. A variação a qual me refiro, que é constituinte dos *sinais*, é circunscrita à disposição e à quantidade dos *sinais* nas orelhas dos bodes. Detalhe considerável que salienta o caráter de labilidade na noção de família e reafirma o modo como no sertão ela é entendida, feita e desfeita (Villela, 2008; 2009).

É a partir da compreensão do funcionamento das variantes dos *sinais* que se pode compreender o que significa dizer que os *sinais* são como os “sobrenomes da *criação*”⁹. No caso, cabe aqui ressaltar a variação concernente ao aspecto ligado às segmentações pós-matrimoniais. Conversando com uma interlocutora de pesquisa, perguntei a ela se era possível que alguém tivesse a sua *assinatura* modificada por algum motivo. Ao que ela me respondeu: “o *sinai*? É o mesmo que um sobrenome, né? É a mesma coisa. Você casa e coloca o nome do marido, a mesma coisa é com a *criação*.”¹⁰ A modificação do *sinai* muitas vezes é apenas de uma figura, algum recorte que é acrescentado para indicar a mudança de *ribeira* ou a constituição da relação matrimonial. Assim como os sobrenomes das pessoas, os *sinais*, “sobrenomes dos bodes”, indicam a pertença de seu dono a uma *família* por meio dos recortes, das figuras nomeadas que, pela seleção de algumas delas dentre um conjunto extenso, possibilita que se identifique a *família*. Os sobrenomes das pessoas também são escolhidos, “todos [os sobrenomes] aparecem, embora nem todos sejam atualizados. Quer dizer, nem todos valem como signos de pertença e muitas pessoas, embora tenham sobrenomes nas certidões de nascimento e de batismo, ‘se assinam’ apenas com um dos sobrenomes que compõem os seus nomes.” (Villela, 2004: 226).

Os *sinais* são os “sobrenomes da *criação*” porque, embora façam referência a certas relações com os humanos, eles pertencem a cada um dos animais que recebem essa marca, os animais produzem as relações que representam e fazem isso por meio de seus corpos, de suas relações íntimas com seus donos e com seus territórios.

A família e o cuidado

As relações e os cuidados com a *criação* se mostram muito evidentes no cotidiano dos criadores, no *laboro* com os animais, nas atividades que desenvolvem juntos todos os dias: tirar o leite das cabras pela manhã, soltar os animais para que caminhem pela caatinga, verificar se algum animal está com algum ferimento ou sintoma de alguma doença, atender às cabras prenhas ou que estão prestes a parir, tanger a *criação* de volta ao chiqueiro nos fins de tarde, colocar sal nos cochos para a *criação* (algo que é muito de seu agrado) para acostumá-las a voltar sempre para a casa.

No chiqueiro de uma casa é possível encontrar animais de diferentes proprietários, de diferentes parentes. Essa variedade de *criação* em um chiqueiro remete a uma expressão corrente: “os *sinais* aqui são tudo *braiado*”. Os “*sinais braiados*” no chiqueiro de uma casa são as *assinaturas* de donos, proprietários individuais que têm seus animais no chiqueiro de um parente que é responsável pelos cuidados com a *criação*. Dizer que os *sinais* da *criação* são *braiados* quer dizer que estão “misturados” e reforça a ideia de que há naquele chiqueiro animais de diversos parentes. Interessante

⁹ Em outro lugar (cf. Vasques, 2016: 74-82), realizei uma descrição mais extensa das variações que fazem parte da constituição dos *sinais*. Brevemente, elas podem ser referentes ao território, ao matrimônio, a mudanças de residência, à filiação ou à natureza das relações estabelecidas entre os criadores.

¹⁰ Villela (2004) já sinalizou: “a criação destes subsobrenomes corresponde à criação de *casas*. [...] vale mencionar que a criação de sobrenomes obedece a uma certa tendência: um homem ou uma mulher, de grande prole e relevante inserção na vida política municipal, da vila ou da *ribeira* em que vive, geralmente acaba por produzir um sobrenome novo. Pois era prática corrente a inclusão no nome da prole o nome do pai que, com o tempo transformava-se em sobrenome, não sem antes ser uma referência ao mesmo tempo genealógica e territorial” (: 129).

notar que “tudo *braiado*” é uma expressão que também se refere às relações de parentesco entre os humanos (e, aqui, com os animais) como são entendidas naquela região.

Os animais de um chiqueiro são reconhecidos por seu criador principalmente por sua *qualidade*, que são suas características físicas: a cor e as manchas de seu pelo, o formato de suas *pontas*, que são os chifres, o seu modo de se portar, se é *mansa* ou *braba*, se costuma dar *marradas* (ir de encontro, com os chifres, a algo ou alguém). A *criação* é reconhecida pelas relações íntimas que estabelece com o criador diariamente. Não obstante, como vimos, a *criação* também é reconhecida por seus *sinais* e esse reconhecimento dos animais se estende para fora do chiqueiro até a caatinga, por onde cabras e bodes caminham e se misturam com os rebanhos de outros parentes e vizinhos.

Reconhecer os *sinais* dos vizinhos e os *sinais* dos criadores de *ribeiras* mais distantes indica um saber referente às *famílias* que não é comum a todos os criadores. “Saber” o *mourão* dos vizinhos ou de outros criadores é o mesmo que reconhecer quem é parente e quem faz parte de cada uma das outras *famílias* daquela região. Um saber que pode ser aproximado daquele dos memorialistas que *destrinçam* a genealogia de uma *família*. Essas fórmulas “que expressam essa virtualidade totalizante, a genealogia”: “é tudo parente”, “é tudo *braiado*” (Villela, 2008: 114), são também utilizadas em referência aos *sinais* dos animais, sobrenomes da *criação* que podem, portanto, ser pensadas como atualizações dessas relações de parentesco.

Nesse sentido, a importância dos *sinais* e do *mourão* está diretamente ligada ao reconhecimento da *criação* do outro, tendo em vista que a própria *criação*, a *criação* da qual se cuida, é identificada por suas características físicas, por sua *qualidade*. Ou seja, a inscrição do *sin*al afirma o outro, o alheio; o que é próprio se reconhece pela relação, pela intimidade. É também frequente a afirmação: “aqui os *sinais* são tudo *braiado*, eu conheço mesmo é pela *qualidade*”.

O cuidado, como o entendo aqui, refere-se a práticas específicas de cuidado com os animais, aquelas que tratam de sua saúde e bem-estar; mas também de cuidado no sentido de desvelo, diligência, de uma atenção sempre pronta às demandas da *criação*.

Suponho, conforme venho sustentando até agora, que o sistema de marcação nas orelhas das cabras e bodes sertanejos é acionado por um conjunto de fatores que não apenas os relacionados à propriedade individual ou familiar, mas sobretudo àqueles que estão implicados ao modo de criação *na solta* e à fixação e manutenção de relações de parentesco.

Além disso, no sertão de Itaparica a propriedade “não era apenas meio de sobrevivência, signo de riqueza, embora esses aspectos fossem relevantes. Cuidar da propriedade contra interesses divergentes equivalia a moralizar o nome, a *casa*, a *família*.” (Villela, 2004: 173-174). Essa relação de proteção da propriedade também se estende aos animais. Além de protegê-los como propriedade de uma *casa*, de uma *família*, o criador estabelece uma relação de cuidado com a *criação* que ultrapassa, ou ainda, reforça as relações de parentesco mobilizadas por ele por meio do criatório. Além do cuidado cotidiano durante o *laboro*.

Nesse momento, ao considerar a *casa* como ponto de vista, deslocando o olhar, que antes estava sob os corpos dos animais, para os espaços que eles ocupam, para o chiqueiro, é possível perceber a manutenção das relações de parentesco que são efetivadas pelo cuidado com a *criação* que habita no chiqueiro de uma *casa*. Se antes a *família* era visível por meio dos *sinais*, agora ela o é também por meio cuidado, pelo *laboro*. Assim, considerando que as relações de parentesco são visibilizadas e produzidas pelas marcações no corpo dos animais e que a *criação* é um ponto de aglutinação dessas relações de parentesco, de genealogias abertas, e, ainda, que os *sinais* permitem visualizar esses pontos, faz-se necessário descrever o modo como os *sinais* se fazem visíveis a partir das relações de cuidado e *laboro* nos chiqueiros das *casas*.

Das cinquenta casas que visitei apenas vinte e sete dispõem de chiqueiros para a *criação*. Pode parecer estranho que o número de chiqueiros destoe tanto do número de casas, considerando que quase a totalidade das pessoas habitantes dessa região possuem alguma *criação*. Essa diferença quantitativa se deve ao fato de se criar os animais de outros parentes em apenas uma casa. Os motivos são variados. Alguns deixam os animais com outros familiares porque a idade já não permite a lida diária com os bichos; em outras casas, mulheres que ficaram viúvas já não podem com todas as responsabilidades que a *criação* requisita, como procurar e capturar sozinhas os animais no *campo*; primos, tios e netos que foram morar na *rua* ou em outras cidades deixam algumas cabeças no chiqueiro aos cuidados de parentes e continuam a almejar que o rebanho aumente; há ainda os que não dispõem de espaço suficiente em sua propriedade para um chiqueiro, nem a *manga* muito extensa, situação comumente percebida em casas de assentamentos¹¹. Com tantos animais de diferentes donos, de variadas regiões, é por meio dos *sinais* que a *criação* de cada dono nos chiqueiros é identificado, ainda que, como vimos, a *qualidade* do animal predomina no reconhecimento que é feito diariamente pelo criador.

A partir de uma reflexão acerca da noção de casa, como foi tratada por Lévi-Strauss (1979, 1991 [1984]) e, posteriormente, por Carsten e Hugh-Jones (1995) e por Marcelin (1996, 1999), Marques (2014) trata a “criação” do parentesco no sertão de Pernambuco. Segundo a autora,

a ‘criação’ nos conduz novamente às casas, à comensalidade, à convivialidade mais estreita. Minha hipótese é que a ‘criação’ constitui um modelo de conversão de consideração em parentesco real. E que a ‘criação’ está para a ‘consideração’ como a ‘procriação’ está para o ‘sangue’ (Marques, 2014: 126).

Não obstante, se a “consideração”, a “atenção” e o “respeito” podem ser pensados como atributos referentes a uma noção de casa, eles também podem ser transpostos para a esfera, também doméstica, dos chiqueiros. O trato com animais da casa e de parentes, salienta esses mesmos atributos e práticas que são associados à casa, como elaborado pela autora. Contudo, mais que uma extensão da casa e das relações que podem ser estabelecidas nela, os chiqueiros são espaços privilegiados para a manutenção e fixação de relações de parentesco. Tanto nos chiqueiros como na casa:

há um fulcro de solidariedade alimentado pelo convívio mais estreito, pela partilha da comida, dos hábitos, dos interesses, das dificuldades. Nesse plano das relações domésticas, que de alguma forma também persistem na dispersão dos membros ao longo da vida e envolvem mais do que apenas uma única casa, a consideração (ou o ‘respeito’, a ‘atenção’) é um idioma no qual se fala ainda mais alto do que naquele do ‘sangue’ (id.: 123).

A “criação” do parentesco e o cuidado com a *criação* fazem parte da constituição da casa. Assim como *destrinchar*¹² o parentesco para expressar e produzir “consideração” entre parentes (Marques, 2014: 126), o cuidado com a *criação* e o reconhecimento dos parentes donos dos bodes também é uma atualização da genealogia que, antes de ser acionada, era apenas virtual¹³. Quer dizer, cuidar dos animais dos outros é um modo de fazer família, de atualizar os laços de parentesco. Isso porque esse cuidar implica não apenas no reconhecimento dos animais dos parentes marcados com os *sinais*, mas num exercício de zelo e consideração com os animais da *família*.

¹¹ No início dos anos 2000 foram criados, por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), os assentamentos do Capim e do Quebra Unha. Os dois assentamentos fizeram parte da área circunscrita pela pesquisa de campo. No assentamento do Quebra Unha não havia chiqueiros, e no do Capim, apenas uma das casas tinha chiqueiro para a *criação* que pertencia a três famílias, no sentido de casa.

¹² *Destrinchar*, segundo Villela (2008) é uma mnemotécnica da ordem do discurso: “há especialistas em sua própria linhagem. Pessoas que sabem *destrinchar* o seu parentesco. Puxar os fios da genealogia até chegar a si mesmos e a seus próximos. Ou seja, ‘saber como é que eu sou parente’ desta ou daquela pessoa. *Destrinchar* é o processo discursivo que retira da genealogia o seu aspecto *braiado*, quer dizer, misturado, embaralhado, indeterminado, indiferenciado. Pode-se fazer isso recuando no passado gerações o suficiente apenas para atingir o seu ancestral mais célebre, para retirar de sua história pessoal, municipal, política, o *quantum* necessário para a sua glorificação pessoal e de seus próximos. Segmenta-se o sobrenome por meio de uma determinada memória. Mas também, e não menos importante, por amor; por amor à memória de um ou de vários ancestrais.” (Villela, 2009: 216-217).

¹³ Sobre a noção do parentesco virtual, prediscursivo (cf. Villela e Marques, 2016).

Sinais e a memória genealógica

Vimos que as *assinaturas* são constituídas por uma variação da disposição entre as figuras do *mourão* e da *diferença*, que essa constituição é conforme os sentidos que a família tem naquela região, e que os criadores que laboram diariamente com a *criação* são capazes de reconhecer os *sinais* de seus familiares próximos e distantes, mas também os de seus vizinhos. Considerando os *sinais* como uma extensão material de *família*, o seu reconhecimento nos corpos da *criação* pressupõe no criador um conhecimento genealógico a respeito da sua e das *famílias* da região. Os criadores operam essa genealogia por meio dos *sinais*. Os que reconhecem os *sinais* de seus vizinhos assemelham-se aos memorialistas que *destrincham* o parentesco e remontam às gerações anteriores de uma *família*, quer dizer, deslindam o parentesco listando os nomes dos parentes relacionados a um ancestral comum, geralmente fundador de uma *família* ou *tronco*. Desse modo, assim como a genealogia é instrumento dos atores que operam o parentesco, os *sinais* dos bodes, assim como são acionados pelos criadores, são também instrumentos que remontam à genealogia das *famílias*. Aqui também, a “genealogia não é uma quimera nem objeto calculista dos indivíduos” (Villela, 2004: 259), ela passa pela prática diária do criatório e do reconhecimento dos *sinais* nos bodes.

Pode-se considerar como um contraponto para a *criação*, o processo de registro genealógico do gado de elite, descrito por Leal (2014: 67), que é realizado em relação aos “eventos” ou “acontecimentos da vida do bovino: concepção, nascimento, desmame e morte”. Cada animal terá um registro único e vitalício que é caracterizado por uma sequência alfabética que identifica o seu criador e uma sequência numérica fornecida pela Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ). Além desse código de identificação, em contextos específicos como as feiras e leilões, os animais são chamados por um “nome fantasia” (: 68). Assim como no sertão de Pernambuco, os criadores de zebus estudados por Leal(2014) também são capazes de identificar os bovinos a partir de marcas nos corpos dos animais feitas com ferro em brasa: “Quando um conhecedor do assunto gado observa um bovino, visualiza em suas marcas quem é ele, quem é seu criador, seu proprietário atual, quem são seus pais e quando nasceu”. (Leal, 2014: 70). Assim como as *assinaturas* da *criação*, as marcações feitas nos corpos dos zebus também operam como um idioma genealógico que, segundo a autora, é “central para a produção e reprodução da pecuária modernizada, especialmente a de elite. [Elas] são em si mesmas uma genealogia, produtora de reputações bovinas e humanas” (Leal, 2014: 71). Os *sinais* são, então muito mais que um signo de propriedade. Eles expressam a própria relação entre humanos e animais.

Considerações finais

A partir da descrição de uma prática singular, característica de um criatório de cabras e bodes como é realizado no sertão pernambucano, procurei, ainda que de forma exígua, contribuir com os estudos antropológicos sobre a criação animal e a pecuária no Brasil, mais especificamente, aquela que trata de pequenos animais, como os caprinos. Noto ainda, a relevância da descrição da atividade pecuária com foco na interação entre humanos e animais em contextos rurais, ainda escassas. (cf. Bevilaqua e Vander Velden, 2016: 20).

Ao descrever etnograficamente como os *sinais* da *criação*, seus sobrenomes, operam no sertão de Pernambuco, busquei demonstrar, a partir de uma perspectiva que privilegiasse as relações entre humanos e animais, que a *família*, como é entendida naquela região, pode ser feita e refeita, visualizada e atualizada, por meio dos *sinais* das cabras e bodes, no *laboro* diário com a *criação*, nos vínculos que são tecidos entre os criadores e os animais. Ainda que essa sinalética, ao tornar visível

certas relações, possa remeter a uma ideia de representação, de algo apenas grafado no corpo dos animais, é válido ressaltar novamente como ela funciona na fabricação diária e permanente da *família*. Se família não é um dado *a priori*, se está sempre sendo produzida, em diferentes escalas, com seus diferentes sentidos, a perspectiva aqui escolhida é aquela que permite compreender a *família* sendo produzida nas e por meio das relações entre humanos e animais.

Não obstante, se ao longo deste artigo ressaltei como, por meio dos *sinais* inscritos nos corpos da *criação*, se pode perceber, produzir e manter certas relações de parentesco, é preciso ressaltar também um outro aspecto de igual ou maior relevância. Os *sinais*, que são uma técnica e um signo de propriedade individual e familiar, são também o nexo entre os criadores e seus animais (cf. Vander Velden, 2015). Nexos no sentido forte do termo, por indicar o vínculo, a ligação e a união entre humanos e animais. Os *sinais* percebidos enquanto um nexo entre humanos e animais colocam em relevo mais um aspecto expressivo dessas relações. Os *sinais* mostram, no corpo mesmo dos animais, a posição liminar que eles (os *sinais*) ocupam: são um signo de certas relações de parentesco mas também são os efeitos e as próprias relações entre criadores e animais.

Essa posição liminar dos *sinais* implica numa posição liminar também da *criação*: ela pode ser tomada como um signo representativo dessas relações familiares mas é, com certeza, partícipe ativa nas relações não só familiares, mas cotidianas dos criadores, atualizando, produzindo e mantendo essas relações, dando, literalmente, o seu sangue por elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Ulysses Lins. *Um Sertanejo e o Sertão. Moxotó Brabo. Três Ribeiras; reminiscências e episódios do cotidiano de Pernambuco*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964.

BARROSO, Gustavo. *Terra de Sol (natureza e costumes do Norte)*. Ceará: Imprensa Universitária do Ceará, [1912]1962.

BEVILAQUA, C; VANDER VELDEN, F. Introdução. In: Ciméa Barbato Bevilaqua e Felipe Vander Velden (org.) *Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2016

CARSTEN, Janet; HUGH-JONES, Stephen (Orgs.). *About the house: Lévi-Strauss and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

CASCUDO, Câmara. *Tradições populares da pecuária nordestina*. Rio de Janeiro: Serviço de informação agrícola, 1955.

_____. *Seleta*. Rio de Janeiro: Jose Olimpio, 1972.

CASTRO, Aristóbulo de. *A cabra*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1984.

FIJN, Natasha. *Living with herds: human-animal coexistence in Mongolia*. Cambridge University Press, 2011.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia De. *A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HUMPHREY, Caroline. "Horse brands of the Mongolians: a system of signs in a nomadic culture". In: *American Anthropologist*. Vol.1, Issue 3, Pages 471-488, 1974.

LEAL, Natacha. *Nome aos bois. Zebus e zebuzeiros em uma pecuária brasileira de elite*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP, 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A Via das Máscaras*. Lisboa; São Paulo: Editorial Presença; Martins Fontes, 1979.

_____. *Minhas Palavras*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991 [1984].

MARCELIN, Louis. "A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo baiano". *Mana*, 5(2):31-60, 1999.

MARQUES, Ana Claudia. *Intrigas e questões: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. "Considerações familiares ou sobre os frutos do pomar e da caatinga", *R@U*, 6 (2), jul./dez. 2014.

MEDRADO, Joana. *Terra de vaqueiros: relações de trabalho e cultura no sertão da Bahia, 1880-1900*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

MENEZES, Djacir. *O outro Nordeste*. Formação social do Nordeste. 1937.

PIETRAFESA DE GODOI, Emília. *O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

SANTOS, Pedro da Silva. *De abandono, proteção e outras formas de relação com animais: motivações, interações e diferenças no Rio de Janeiro e no sertão nordestino*. Tese de Doutorado em Antropologia – Universidade Federal Fluminense, 2014.

VILLELA, Jorge. "Família como Grupo? Política como agrupamento? O Sertão de Pernambuco no mundo sem solidez". In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 52, nº1, 2009.

_____. *Política e Eleições no Sertão de Pernambuco: O povo em armas*. Campinas: Pontes Editores, 2008.

_____. "Violência e mediação de vingança de sangue no sertão de Pernambuco, Nordeste do Brasil". In *Conflitos políticos e relações pessoais*. (org). Ana Claudia Marques. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará/Funcap/CNPq-Pronex; Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

_____. *O Povo em Armas. Violência e Política no Sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

VASQUES, Ariane. *As veredas do bode. Criação na solta e laboro no sertão de Pernambuco*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. São Carlos, SP, 2016.

VANDER VELDEN, Felipe. "Apresentação do dossiê (Animalidades Plurais)". *R@U Revista de Antropologia da UFSCar*, 7(1): 7-16, 2015.